

irônico para os soldados –“o.k., tá *trinhão!*” Bastou isso. Foi o suficiente para os soldados brandirem as espadas e partirem para cima dos jovens perseguindo-os até o Alojamento Santa Mônica, no Horto, onde moravam os operários solteiros. Eu morava lá.

Os soldados alcançaram um dos jovens e passaram a agredi-lo na entrada do Alojamento JM.12. O cavalo escorregou no cimentoado e esborrachou-se no vermelho. E para demonstrar ao soldado agressor que o operário tem alma e sentimento os jovens aproveitaram o tombo e apenas retiraram o capacete do soldado e que foi levado como troféu para o Alojamento.

Eu ia para o alojamento e estava subindo o morro que levava até lá. Acompanhei tudo da subida do Horto até o Santa Mônica. E queria saber até onde aquele absurdo iria chegar. E fui até ao meu Alojamento, o JM 7 para guardar meus objetos de aula, pois estava retornando do Colégio em Acesita.

Meus companheiros de quarto, Geraldo Fernandes, Luiz e Aloisio estavam tensos, silenciosos e amedrontados dentro do quarto e tudo fizeram para me tirar de cabeça e não participar daquele movimento. Pediram para não entrar na confusão, pois eu poderia levar um tiro ou apunhar da polícia.

Mas como ficar quieto na cama enquanto os companheiros estavam se arriscando e demonstrando toda indignação contida e com coragem? Sem pestanejar, retornei ao campo de batalha, gritando palavras de ordem, e, com a adrenalina alta e juntei ao grupo que iria passar noite inteira de vigília. Resistindo!

Já passava das 23.30 horas. Ai surgiu, providencialmente, até uma corneta para avisar os operários sedados sobre o retorno do reforço policial. E foi o que aconteceu, menos de meia hora depois, mais de vinte soldados armados com fuzis, metralhadoras e até granadas tentavam entrar no corredor dos 12 alojamentos do Santa Mônica. Mas nós já os esperávamos e improvisamos uma barricada formada por beliches, guarda roupas, latões e até dois postes de cimento.

Apelidamos de “Forte Santa Mônica”, este local de resistência.

A polícia não conseguiu entrar. Dispararam tiros para todos os lados. Até que tentaram de todas maneiras furar nosso cerco do nosso “forte.” Dois soldados escalararam um barranco que ficava atrás dos Alojamentos e quando os descobrimos os escorraçamos e fugiram como dois cachorros.

A preocupação maior dos soldados era com o nosso poder de reação. Imaginavam que possuíamos armas de fogo, dinamite, granada. Mas apenas alguns de nossos companheiros possuíam armas de fogo de pequeno calibre. Nossa maior arma era a nossa indignação. E para confundir-los mais ainda começamos também a pipocar alguns tiros que os assustou. Isto aumentava ainda mais a raiva surda que rola a cabeça microcéfala da polícia.

E, como não souberam enfrentar o elemento surpresa de nossas trincheiras e também não tiveram coragem de entrar em nosso “forte” (que virou até nomenclatura em fâmulas e catazes para registrar o ato heróico de resistência), de forma covarde os soldados resolveram “descontar e descartar” a ira no grupo de operários que nem sabia o que estava acontecendo e que morava no Alojamento da Empreiteira Chicago Bridge.

Este Alojamento era também chamado de “Alojamento-biliz” devido às inúmeras batidas no local. O Alojamento da Chicago era muito simples, de madeira tosca e piso de cimento

O Juiz Haroldo Plínio deve ter isso na memória e pode esclarecer bem esse episódio até hilário.

Devido a minha fama de “comunista” eu não tinha o direito de levar uma vida normal, como jogar bola, brincar carnaval ou ir a um baile, pois sempre havia um policial para me impedir ou criar algum caso para me provocar. Publiquei várias vezes as arbitrariedades nos jornais da capital.

Existia também perseguição por causa de minha atividade jornalística, sob a alegação de que eu era “muito perigoso” pois eu era subversivo.

Outra “agravante” alardeada é que Raposos também tinha a fama de ser a “Moscouzinha.” E essa era uma reputação atribuída pelos patrões da Mineração Morro Velho para difamar o direito de luta dos operários dentro das contradições capitalistas.

A mineradora exercia uma pressão bem ao estilo escravocrata contra os operários. Em virtude dessa notoriedade durante muitos anos os trabalhadores sempre se revoltaram e a cidade abrigou organizações como o grupo dos 11, ligado ao Partido Comunista.

A minha presença e atuação social na cidade era uma séria ameaça ao poder constituído, pois eu ressurgia como um militante socialista depois do destróimento dos comunistas no final da década de 40, quando o famigerado tenente Pedro exerciu diversas atrocidades contra os operários da Morro Velho sempre chamados de comunistas (mais tarde esse tenente foi promovido e tornou-se o famoso Coronel Pedro, no Vale do Rio doce, em Governador Valadares).

5. Exilado em meu próprio País, vigiado, monitorado e impedido de levar vida normal.

Eu vivia sempre sob os olhares suspeitos sobre meus atos. Estudada e tentava me aperfeiçoar e adquirir Bolsas de Estudo no Exterior. Queria sair do Brasil. Mas sempre recebia a negativa porque jamais consegui o “ATESTADO DE BONS ANTECEDENTES SOCIO POLITICOS, expedido pelos Órgãos de Segurança - Exército, DOPS, Secretaria de Segurança, ID/4 etc.

A primeira recusa foi para o Curso de Pós graduação na CIESPAL- Centro Interamericano de Periodismo da América Latina, em Quito – Equador. Aquela Instituição me aceitou como bolsista, e que a Ditadura me impediu. Outro curso que fui impedido de frequentar foi o Curso de Pós graduação de Comunicação em Nanterre - Espanha, da mesma maneira fui impedido pela Ditadura. Para os EUA comeci a preencher os formulários e um funcionário do Consulado Americano na Capital aconselhou a não entrar com o processo pois seria negado sumariamente.

Eu não podia trabalhar em paz, não podia viajar, não podia fazer concurso público.

Não podia nem mesmo respirar, sem que um garrote invisível apertasse minha garganta!

Como jornalista não conseguia credencial para fazer cobertura em Órgão Governamental, principalmente para cobrir visitas do presidente da Republica a Minas Gerais. O macabritismo imperava em qualquer área onde eu tentasse ir.

Em 1971, repórter no JB, fui contatado pelo Prof. Edgar da Matta Machado para acompanhar a chegada do corpo de seu filho, José Carlos Matta Machado que fora executado pelas forças da repressão em Pernambuco.